

# ESTÁGIO SUPERVISIONADO: ENCONTRO TEORIA E PRÁTICA NA CONSTRUÇÃO DO EDUCADOR DE QUALIDADE.

Krícia de Sousa Silva- Graduanda do curso de Pedagogia da UFPI

Giulia Gabrielle da Silva Santos- Graduanda do curso de pedagogia da UFPI

## RESUMO

O seguinte trabalho é resultado de reflexões, experiências e pesquisas construídas durante a disciplina de estágio supervisionado III, para a conclusão do curso de licenciatura plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí( UFPI). Neste estudo apresentamos discussões no que se refere ao momento de observação da postura dos professores da rede pública da instituição onde realizamos nossa regência, fazendo análises consecutivas do comportamento dos discentes perante as metodologias aplicadas em sala. Além disso, relatamos algumas práticas vivenciadas juntos as crianças durante nosso período de estágio, destacando a importância do lúdico para transformar a sala de aula em um espaço prazeroso e concomitantemente de aprendizagem do aluno, compreendendo que a escola é além de um lugar para realizar a aprendizagem de conhecimentos teóricos, também é espaço de brincadeira, socialização e desenvolvimento da personalidade dos alunos. Concluímos por fim analisando nossa postura didática e construindo um perfil de educador de qualidade para atuar junto às redes populares de educação.

**Palavras-chaves:** Educação. Observação. Práxis docente. Escola pública.

## 1. A PRÁTICA COMO CAMPO DE EFETIVAÇÃO DO CONHECIMENTO TEÓRICO.

As discussões e reflexões apresentadas nesse texto surgiram de experiências que vivenciamos durante a disciplina de estágio supervisionado III, pela graduação em pedagogia. Realizamos nossa pesquisa no espaço escolar de uma instituição de rede pública da cidade de Parnaíba, localizada no litoral do estado do Piauí.

O estágio permite ao aluno de graduação entrar em contato com a prática cotidiana de seu futuro campo profissional, comparando as ações que ocorrem nesse espaço, com as teorias que são apreendidas durante o decorrer do curso. É momento de ampliação e desenvolvimento do olhar crítico dos futuros professores; onde os mesmos analisam que tipo de profissionais desejam ser perante seu trabalho como educadores e seu papel como indivíduos que conseguem realizar um trabalho de democratização em sua sala de aula. Januario (2008, p.3) relata que:

O estagio supervisionado poderá ser um agente contribuidor na formação do professor, caracterizando-se como processo de estudo e reflexão. Ao estagiar o futuro professor passa a enxergar a educação com outro olhar, procurando

entender o funcionamento da escola e o comportamento dos alunos, dos professores e dos profissionais que a compõem.

Desta forma, objetivamos durante este estágio possibilitar a nossa efetivação da regência em sala de aula, abrindo espaço para construirmos ligações entre o que estudamos no decorrer do curso em forma de teoria, e o que vamos encontrar cotidianamente em nossa vida profissional de educadores. Especificadamente tentando analisar quais são as metodologias utilizadas na sala de aula pelos professores de uma escola da rede pública de ensino, comparando sempre essas ocasiões de prática com os ensinamentos que obtivemos no curso de pedagogia, buscando construir criticamente nossa postura como futuros docentes; estabelecendo, enfim, o perfil de um profissional de qualidade para atuar juntamente com as crianças de nossas escolas.

Organizamos nossa pesquisa, repartindo-a em quatro eixos, estando o primeiro reservado para observações das salas de aulas do ensino fundamental, momento em que procuramos analisar as metodologias utilizadas pelos professores, o comportamento dos alunos entre si e com a docente, e o funcionamento da rotina diária das turmas. Nesta ocasião, fizemos a composição de um diário de campo, onde podemos relatar nossas experiências diárias durante o estágio e conhecimentos que foram apreendidos no decorrer do período. No segundo eixo foram feitas entrevistas semi-estruturadas com professores e outros indivíduos que relataram sobre o cotidiano e funcionamento da escola; e elegemos como eixo final do trabalho, a reflexão de nossas regências no espaço da instituição de ensino; aprofundando teoricamente nosso estudo baseando-nos na literatura de autores que discorrem sobre educação, nos quais podemos citar: Celso Antunes, Fernando Becker, Georges Snyders, entre outros. Nossos sujeitos de pesquisa foram os alunos do colégio de ensino fundamental da rede pública onde realizamos nosso estágio, professores e profissionais que se inserem no espaço escolar do mesmo ambiente educacional, pais e funcionários responsáveis por outras áreas de organização da escola.

## 1. OBSERVAÇÃO CRÍTICA PARA DESENVOLVER NOSSA POSTURA PEDAGÓGICA.

Em nossas observações analisamos criticamente a relação do professor com seus alunos, e sua forma de agir profissional, além do funcionamento geral da instituição e do trabalho de gestão que é realizado pela diretora. Nesta perspectiva podemos perceber que apesar da escola dispor de jogos e outros materiais construtivos para a educação, estes não estão localizados na sala de aula, nem são usados durante as mesmas. Pelo

contrário, em todas as classes existe pouco ambiente lúdico, os murais de aviso não são utilizados, grande parte dos ventiladores não funciona, e em algumas turmas o número de alunos é tão grande que fica difícil a própria locomoção das pessoas pelo espaço, tornando o lugar quente e inadequado para o aprendizado dos alunos. Assim, podemos identificar um problema a ser solucionado, pois este ambiente de ensino- aprendizagem não motiva os estudantes para o mesmo, distancia-os dessa finalidade. Segundo Klisys(2007, p.06) “Uma forma de intervenção educativa é pensar na modificação do ambiente, concebendo-o como parte integrante do currículo, sempre com informações culturais.” A autora também indica a construção de centros de atividades diversificadas dentro da sala de aula, onde afirma:

A arrumação da sala em cantos de atividades proporciona também um importante aprendizado para as crianças, o da transformação do próprio ambiente e da descoberta de que muitos mundos cabem numa única sala de aula! As possibilidades são variadas e mutantes!(2007,p.2)

Percebemos que a maioria dos professores se encontra cansada e desestimulada, o que resulta em pouca preocupação com o aprendizado efetivo dos alunos, assim, assumem posturas inadequadas diante da turma, pois ignoram o mau comportamento dos discentes, e se focam em dialogar sozinhos, já que as crianças lhe disponibilizam pouca atenção. O que não deixa de ser compreensível, pois as docentes não exploram o lúdico, nem utilizam de atividades dinâmicas e prazerosas para ensinar os conteúdos trabalhados com as turmas. Nessas condições, se torna realmente difícil de realizar um bom trabalho de educação na sala de aula, já que falta aos professores da instituição a visão de que “a escola é lugar onde a criança brinca, se socializa, aprende coisas, organiza sua personalidade. Uma criança que aprende afetivamente aprende muito mais, e aprende a usar o que aprendeu.” (CAPELATTO,2007, p.63)

A turma do 2º ano foi a primeira em que realizamos observações e regências. Na etapa de observação, percebemos crianças muito agitadas, os alunos não conseguiam ficar sentados por um tempo considerável, outros viravam de costas para a professora durante a explicação de conteúdos, dançavam, conversavam e se empenhavam em realizar qualquer atividade que não estivesse relacionada com seu aprendizado. A sala é quente, um tanto deteriorada e desordenada, além de não explorar o lúdico, que é tão necessário nesta etapa. O único momento em que as crianças se mostram interessadas em algo, é o da cópia da agenda, onde se ajudam e se colocam a transcrever do quadro

para o caderno com grande empenho. Desta forma, no espaço dessa sala de aula, Becker(2001) afirma que “ Não há lugar para a apropriação de ações efetivamente executadas, mas apenas para repetição interminável de ações planejadas por outro (professor).” Ainda neste ponto, podemos usar das palavras de Capelatto, quando o autor relata que muitas vezes as crianças não gostam da escola, pelo fato de que “a brincadeira, que era a forma natural de desenvolver a personalidade, foi substituída por uma sala de aula onde se tem de aprender. E a ausência do brincar traz estresse”(2007, p.71). Analisando os estudos desse autor, podemos perceber que a sala de aula deve ser um lugar atrativo para criança, onde ela possa aprender com atividades que envolvam brincadeiras. Compreendemos assim, qual a razão que nessa turma, onde o fator lúdico se encontra de maneira deficitária, os alunos se comportam de maneira desordeira e desinteressada durante a aula.

No 3º ano, encontramos a maior turma de toda a instituição, numa sala apertada e quente. São 38 alunos sentados em carteiras muito próximas umas das outras, dificultando ate mesmo a locomoção pelo espaço. O ambiente não propicia a assimilação efetiva dos conteúdos, pois as crianças passam grande parte do tempo buscando formas de passar o calor ou pedindo para beber água. A professora dos mesmos, falta com frequência, colocando os aprendizes diversas vezes com pedagogas substitutas que não sabem em que nível de aprendizado a classe se encontra. A turma é muito agitada, seja pela falta de uma professora que lhe determine limites, lhes ajude a desenvolver uma disciplina adequada e mantenha uma afetividade com os alunos.

O 4º ano somente dispõe de 27 crianças, que são mais tranquilas e dominam melhor os assuntos que são trabalhados em sala. O ambiente é maior, o que colabora com uma maior ventilação do lugar, e devido ao numero mais restrito de discentes, é também um espaço de maior facilidade para movimentação. A professora mantém uma relação mais afetiva com seus alunos, ensinando-os com criatividade e respeito ao mesmo tempo, o que resulta em uma aprendizagem de qualidade, que é representada pelos alunos durante os exercícios que são colocados em pratica, e na participação de debates uns com os outros nos momentos em que é necessária a exposição de ideias em grupo.

É essencial que o espaço da sala de aula seja o espaço da discussão, da oposição, das divagantes interpretações”. Quando se enfatiza sobre “que tipo de escola que queremos” e “que tipo de alunos almejamos”, a resposta é sempre uma escola democrática e um aluno crítico, participativo e atuante socialmente e, para que isto se concretize, precisamos usar metodologias que

abram cada vez mais espaço, para que o aluno tenha oportunidade de se expressar e de dialogar na troca de informações. (ANTUNES, p.34, 2003).

O 5º ano é localizado numa sala situada em frente ao sol, e devido os ventiladores não funcionarem, o ambiente é bastante quente. Os alunos a todo o momento se desconcentram, e começam a conversar devido ao forte calor presente no lugar. A professora mantém uma relação agradável com as crianças, que a respeitam muito, e gostam do trabalho dela. Mas a mesma, não leva atividades diferentes para a turma, centrando-se apenas no livro didático e em exercícios de cópia no caderno, condicionando seus alunos a este tipo de aprendizagem.

Observar as aulas das crianças foi de fundamental importância para nos familiarizar com as turmas nos quais iríamos ministrar a regência. Neste momento podemos perceber a quantidade de alunos presentes em casa turma, a postura dos professores e dos discentes, o ambiente em que iríamos estagiar, entre muitos outros fatores. Somente depois de analisar a realidade cotidiana de cada série, seguimos para construir nossas aulas específicas e aceitamos o desafio de ensinar significativamente as crianças que estariam presentes em nossa regência.

## 2. A REGÊNCIA COMO FATOR CONTRIBUINTE A NOSSA FUTURA PRÁTICA COMO EDUCADORES.

Em nossas regências podemos construir grandes aprendizados, pois obtivemos contato direto com as turmas do segundo ao quinto ano do ensino fundamental. Foi momento de colocar em prática nossos conhecimentos de didática, ensinar de maneira construtiva e aprender com nossos alunos durante o convívio diário. Dessa forma, construímos nossas aulas visando a melhor maneira de ensinar efetivamente as crianças, desenvolvendo seu lado crítico e reflexivo, englobando o lúdico nos exercícios e procurando atividades construtivas para serem trabalhadas em grupo.

A turma do 2º ano foi a primeira em que colocamos nossa regência em prática. O conteúdo a ser trabalhado era o dobro e a tabuada do número 2, levamos para a classe peças de EVA, afim de fazer com que as crianças aprendessem significativamente como realizar o dobro dos números. Todos queriam participar, embora de maneira sempre muito agitada e desordeira, devido ao fato de estarem desacostumados com atividades que envolvessem todo o grupo. O que nos leva a perceber que a falta de interação do grupo fortifica a indisciplina da turma. Barros(2002) relatando sobre as teorias de Piaget, reflete que o autor chegou a conclusão que “a aceitação e internalização de

certos valores morais resultam da interação da criança com outras crianças, da cooperação com companheiros, e não são aprendidas pela imposição de uma autoridade.” Acrescente ainda, que para este estudioso:

A principal finalidade da educação é levar a criança à aquisição da autonomia. Essa aquisição só é possível num ambiente de liberdade e respeito mútuo. Em contraste, a aquisição da autonomia, é dificultada pelo autoritarismo e pelo ambiente de respeito unilateral da criança para com os adultos.”(BARROS, 2002,p.179)

Na regência de português, devido estar condicionados a prestarem atenção somente durante o momento de cópia, não conseguiam compreender a explicação de como realizar o plural das palavras, e começavam a se tornar muito agitados. Dessa maneira só foi possível realizar um bom trabalho de ensino durante a realização de uma roda de conversa quando desenvolvemos uma atividade onde a cada palavra que era passada para o plural e seguidamente explicada. Por roda de conversa, podemos entender uma metodologia:

Bastante utilizada nos processos de leitura e intervenção comunitária, consistem em um método de participação coletiva de debates, acerca de uma temática, através da criação de espaços de diálogos, nos quais os sujeitos, podem se expressar e, sobretudo, escutar os outros e a si mesmos. Tem como principal objetivo, motivar a construção da autonomia dos sujeitos por meio de problematização, da socialização de saberes e da reflexão voltada para a ação. Envolve, portanto, um conjunto de trocas de experiências, conversas, discussão e divulgação de conhecimentos entre os envolvidos nesta metodologia. (NASCIMENTO; SILVA. 2009, p.01)

Na turma do 3º ano, encontramos a pior situação de toda a escola, pois estavam presentes 34 alunos, em uma sala pequena, quente e um tanto escura. Os alunos são extremamente agitados devido a situação em que se encontram de calor e pouco espaço. No primeiro dia de estágio a disciplina a ser trabalhada era matemática, onde inicialmente explicamos sobre medidas de comprimento e massa, utilizando a régua como recurso de medida, pois a maioria das crianças possuía uma. Elas ficaram bastante atentas e fizeram observações a respeito de que esse instrumento só pode medir os centímetros. Com a fita métrica mostramos para eles que já podíamos medir os comprimentos em metros, e comparamos a altura de algumas crianças montando operações no quadro de subtração, adição e multiplicação. Percebemos que participando da aula, as crianças se mantinham muito mais disciplinadas, pois mantinham sua concentração nas atividades que lhes pareciam interessantes. Tentamos explicar nesta

turma o diálogo e o debate, devido percebemos que os alunos gostam de expor sua opinião. Assim, nossas explicações estavam sempre permeadas de perguntas ao grupo, na tentativa de permitir que os discentes se expressassem e de manter a disciplina e organização da sala.

Disciplina não é um conjunto de regras, regulamento e proibições rotineiras pelas quais se controla o comportamento, embora muitas vezes seja necessário uma série de procedimentos para assegurar a ordem e garantir um ambiente de estudo eficaz, mas é aquela que permite a atuação dos alunos numa escolha pessoal, desenvolvendo trabalhos ajustados às suas necessidades fundamentais. (AMOSOREM – 1968, p. 81).

No 4º ano encontramos a menor e mais concentrada turma desde o início de nossa regência, estavam presentes 26 alunos. Quando adentramos o espaço da sala, dialogamos com os alunos a fim de descobrir os conhecimentos prévios que tinham sobre o conteúdo de matemática, que seria ministrado naquela ocasião. Logo após, explicamos a forma de se adicionar e subtrair números com vírgula. Pedimos para que alguns alunos respondessem cálculos no quadro, e todos queriam participar, além de aplaudir os colegas que acertavam as questões. Contudo, o melhor desempenho das crianças, foi na aula de português quando trabalhamos o conteúdo sobre advérbios; pois a turma se dividiu em 5 grupos, onde cada equipe deveria formular 5 frases contendo os advérbios que mais usavam diariamente. Todos se organizaram e se empenharam em desenvolver suas frases, somente consultando-nos quando encontravam alguma dúvida. A apresentação dos trabalhos ocorreu no final do horário, quando as equipes foram para frente, explicar o tipo de advérbios que haviam escolhido, e ler as frases que haviam sido construídas. Neste momento, tornou-se claro a satisfação dos discentes em apresentar o que haviam produzido juntos, pois estavam sendo valorizados e necessitavam expor a conclusão de um bom trabalho. Nessa perspectiva, podemos usar as palavras de Becker, quando o mesmo diz que:

Pensamos em uma sala de aula onde a proposta do professor é co-participada pelos alunos, pela sugestão dos alunos e pela proposta dos alunos, pela sugestão dos alunos e a proposta dos alunos é viabilizada pelo professor. E na qual a ação começa a fluir de ambas as partes, e não só na relação professor-aluno ou aluno-professor, mas também na relação aluno-aluno. (p. 41, 2011)

No 5º ano a pedidos da professora da turma revisamos os conteúdos das avaliações de fim de ano, e voltamos o planejamento de nossas aulas para a realização

deste objetivo. Entretanto, para fugir da visão behaviorista presente em todas as salas que encontramos na instituição, colocamos em prática um trabalho em grupo visando o uso das interjeições nas frases, pedindo as crianças que desenvolvessem orações onde estariam presentes as interjeições escritas em EVA que foram entregues a cada equipe. Todos os grupos obtiveram sucesso na atividade; e podemos fazer uma reflexão sobre como as aulas que vem sendo ministradas com estas crianças são enfadonhas e desestimulantes para os mesmos, pois usando somente de exercícios simples e dinâmicos conseguimos fazer que a maioria dos alunos participasse das atividades que sugeríamos aos grupos, realizando um trabalho que coloca em interação aluno-aluno, e professor-aluno.

É esperado que os professores das instituições públicas onde a estrutura física inadequada, principalmente pela falta de espaço, como o da escola em que realizamos nosso estágio, estejam compromissados com seus discentes, inserindo no espaço da sala de aula práticas construtivas e prazerosas para o aprendizado dos alunos. Manter a atenção das crianças durante a aula é trabalho que remete esforço do educador para buscar propostas de atividades inovadoras, eficazes e divertidas para essa faixa etária. Não deve existir descaso do docente com seu próprio trabalho, pois quando feito com qualidade é reconhecido pelos estudantes, pais e indivíduos onde esta ação reflete.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O estágio supervisionado nos possibilitou entrar em contato com a realidade presente em nossas escolas da rede pública, perceber como vem sendo ministradas as aulas nessas instituições e o reflexo das mesmas no comportamento dos alunos. Considerando o que abordamos neste trabalho, podemos concluir que o colégio em que realizamos nossas regências apresenta uma proposta voltada para a educação tradicional, pois analisando as metodologias dos professores, percebemos que os mesmos, utilizam prioritariamente de aulas expositivas, não instigam efetivamente o pensamento crítico dos alunos e baseiam-se demasiadamente na resolução de exercícios. Saviani(2006, p.6) relata que neste tipo de instituição “ a escola organiza-se como uma agência centrada no professor, o qual transmite, segundo uma gradação biológica, o acervo cultural aos alunos. A estes cabe assimilar os conhecimentos que lhes são transmitidos.” Obtém como resposta a esta metodologia, indisciplina e em alguns casos, indiferença das crianças.

Encontramos diariamente um descaso nas escolas publicas, falta de empenho e envolvimento nos profissionais de educação, o que dificulta o interesse e a aprendizagem de muitos alunos. Compreendemos que o processo de ensino-aprendizagem deve ocorrer de forma reciproca, sendo que o professor deve ser um mediador entre o conhecimento e o aluno, tornando o mesmo um sujeito emancipado. A sala de aula é um espaço indispensável para trabalhar os aspectos éticos e morais, de forma que contribua para a efetivação da disciplina.

Portando o estágio supervisionado nos proporcionou através do objeto de estudo uma melhora em nossa postura profissional, foi momento de grande desafio, pois nos vimos cercado de uma realidade que até então não havíamos nos inserido, onde o espaço físico não beneficia o aprendizado, e os professores demonstram pouco interesse no aprendizado dos alunos. Contudo, segundo SNYDERS(2004) “Provavelmente o bom professor é aquele que fornece os meios e a vontade de se medir em relação ao difícil.” E desta forma, nos propomos a colaborar de maneira construtiva, colocando em pratica aulas que buscam o desenvolvimento cognitivo real dos alunos. Terminamos este ensaio, com grande satisfação, assimilando a nossa tarefa de transformação da realidade encontrada na rede publica de educação e refletindo sobre qual postura profissional devemos seguir em nossa carreira docente. Como já nos afirmou SANTOS(2004) “qualquer profissão para ser bem sucedida depende da competência do profissional e da segurança que transmite no que faz.”

## Bibliografias:

BECKER, Fernando. **Educação e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

AMOS, William; OREM, Reginald C. **Mestres, alunos e disciplina**. Barcelos: Companhia Editora de Minho, 1968.

ANTUNES, Celso. **Relações interpessoais e auto-estima: a sala de aula como um espaço do crescimento integral**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

SNYDERS, Georges. **A alegria na escola**. São Paulo, SP: Manole Ltda, 1988.

SANTOS, Edson. **O poder do conhecimento**. 6 ed. Ituí: Ottoni Editora, 2004.

KLISYS, Adriana. **Muitos mundos numa única sala**. Revista avisa lá. nº 29. Janeiro, 2007.

BARROS, Célia S. G. **Psicologia e construtivismo**. SP: ÁTICA, 2002.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**. 38 ed. Campinas, SP: Autores associados, 2006.

CAPELATTO, Ivan. **Diálogos sobre a afetividade**. 2ªed. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

NASCIMENTO, Maria Anezilany Gomes do; SILVA, Cícero Nilton Moreira da. **Rodas de conversas e oficinas temáticas: Experiências metodológicas de ensino-aprendizagem em geografia**. Disponível em:

<http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/Poster/P%20%2836%29.pdf>

JANUARIO, Gilberto. **O Estágio Supervisionado e suas contribuições para a prática pedagógica do professor**. Disponível em:  
[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/MATEMATICA/Artigo\\_Gilberto\\_06.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/MATEMATICA/Artigo_Gilberto_06.pdf)